

PREFÁCIO

Como gostaria de dizer do meu livro o mesmo que Nietzsche disse de A Gaia Ciência: «Não há praticamente nenhuma frase em que a profundidade e a jovialidade não estejam ternamente de mãos dadas!»

Nietzsche escreve em Ecce Homo: «Outro ideal corre à nossa frente, prodigioso, sedutor e rico em perigos, ao qual não procuramos converter ninguém, porque não reconhecemos facilmente a alguém direitos sobre ele: o ideal de um espírito que brinca ingenuamente, quer dizer, sem intenção, por excesso de força e de fecundidade, com tudo o que até então se denominou sagrado, bom, intangível, divino; de um espírito para quem os valores supremos, justamente em curso para o povo, já significariam perigo, decrepitude, aviltamento, ou, pelo menos, repouso, paragem, esquecimento momentâneo de si; um ideal de bem-estar e de benevolência, humanamente sobre-humano, que facilmente parecerá desumano quando, por exemplo, ao tomar posição ao lado de toda a seriedade aqui reverenciada, ao lado de toda a solenidade que até hoje reinou no gesto, no verbo, no tom, no olhar, na moral e no dever, ele se revelar involuntariamente como a sua paródia incarnada; ele que, todavia, talvez seja chamado a inaugurar a era da grande seriedade, a colocar pela primeira vez no seu lugar o grande ponto de interrogação, a mudar o destino da alma, a fazer avançar a agulha, a levantar o pano da tragédia...»

Cito ainda estas palavras (nota datada de 82–84): «Ver naufragar as naturezas trágicas e poder rir-se disso, apesar da profunda compreensão, emoção e simpatia que sentimos, isso é divino.»

As únicas partes deste livro escritas necessariamente — respondendo à medida da minha vida — são a segunda, O Suplício, e a última. Escrevi as outras com o louvável desejo de compor um livro.

Interrogar-se perante outrem: por que via acalma ele em si o desejo de ser tudo? Sacrifício, conformismo, trapaça, poesia, moral, snobismo, heroísmo, religião, revolta, vaidade, dinheiro? Ou várias vias em simultâneo? Ou todas em conjunto? Um piscar de olhos onde brilha a malícia, um sorriso melancólico, uma careta de fadiga põem a descoberto o sofrimento dissimulado que nos é dado pelo espanto de não sermos tudo, de sermos mesmo muito limitados. Um sofrimento tão pouco confessável leva à hipocrisia interior, a exigências longínquas, solenes (como a moral de Kant).

Pelo contrário. Deixar de desejar ser tudo é pôr tudo em causa. Qualquer pessoa que, sorrateiramente, querendo evitar sofrer, se confunde com o todo do universo, ajuíza cada coisa como se o fosse, da mesma maneira que imagina, no fundo, jamais morrer. Recebemos estas ilusões enevoadas com a vida, como um narcótico necessário para suportá-la. Mas o que é feito de nós quando, desintoxicados, conhecemos o que somos? Perdidos entre tagarelas, numa noite em que só podemos odiar a aparência de luz que vem da tagarelice. O sofrimento confesso do desintoxicado é o objecto deste livro.

Nós não somos tudo, só temos aliás duas únicas certezas neste mundo, essa e a de morrer. Se temos consciência de não sermos tudo, como temos consciência de sermos mortais, isso não é nada. Mas se não tivermos um narcótico, revela-se um vazio irrespirável. Eu queria ser tudo: desfalecendo nesse vazio, mas enchendo-me de coragem, dizer a mim mesmo: «Tenho vergonha de ter querido sê-lo, porque isso, vejo-o agora, era dormir», desde então começa uma experiência singular. O espírito move-se num mundo estranho, onde a angústia e o êxtase se formam.

Uma tal experiência não é inefável, mas comunico-a a quem a ignora: a sua tradição é difícil (a escrita não é mais que a introdução da oral); exige de outrem angústia e desejo prévios.

O que caracteriza uma tal experiência que não procede de uma revelação, onde também nada se revela a não ser o desconhecido, é ela nunca trazer nada de apaziguador. Ao acabar o livro, vejo os seus aspectos odiosos, a sua insuficiência e, pior, em mim, a preocupação de suficiência que lhe juntei, que ainda lhe junto, e da qual odeio, ao mesmo tempo, a impotência e uma parte da intenção.

Este livro é o relato de um desespero. O mundo é dado ao homem como um enigma a resolver. Toda a minha vida — tanto os seus momentos mais bizarros, desregrados, quanto as minhas pesadas meditações — foi passada a resolver o enigma. Cheguei efectivamente ao cabo de problemas cuja novidade e extensão me exaltaram. Ao entrar em regiões insuspeitas, vi aquilo que jamais outros olhos tinham visto. Nada de mais inebriante: o riso e a razão, o horror e a luz tornados penetráveis... Não havia nada que eu não soubesse, que não fosse acessível à minha febre. Como uma louca maravilhosa, a morte abria ou fechava sem cessar as portas do possível. Nesse dédalo, eu podia perder-me à vontade, entregar-me ao arrebatamento, mas podia discernir à vontade as vias, podia dar à marcha intelectual uma passagem precisa. A análise do riso abriu-me um campo de coincidências entre os dados de um conhecimento emocional, comum e rigoroso, e os do conhecimento discursivo. Perdendo-se os conteúdos uns nos outros, diversas formas de dispêndio (riso, heroísmo, êxtase, sacrifício, poesia, erotismo ou outras) definiam por si mesmas uma lei de comunicação que regulava os jogos do isolamento e da perda dos seres. A possibilidade de unir num ponto preciso dois tipos de conhecimento até aqui alheios um ao outro, ou grosseiramente confundidos, conferia a esta ontologia a sua consistência inesperada: o movimento do pensamento perdia-se inteiramente, mas inteiramente se reencontrava, num ponto onde a multidão ri unanimemente. Experimentei, assim, um sentimento de triunfo: talvez ilegítimo, prematuro?... Parece-me que não. Senti rapidamente o que me surgia como um peso. O que me abalou os nervos foi ter terminado a minha tarefa: a minha ignorância

reduzia-se a pontos insignificantes, já não havia enigmas a resolver! Tudo desabava! Despertava diante de um novo enigma, esse sim, soube-o de imediato, insolúvel: um enigma tão amargo, que me deixava numa impotência tão profunda, que a experimentei como Deus, se existisse, a experimentalia.

Abandonei a obra a três quartos do fim, onde deveria encontrar-se o enigma resolvido. Escrevi O Suplício, onde o homem atinge o extremo do possível.

I

CRÍTICA DA SERVIDÃO DOGMÁTICA (E DO MISTICISMO)

Entendo por *experiência interior* aquilo a que habitualmente se chama *experiência mística*: os estados de êxtase, de arrebatamento, pelo menos de emoção meditada. Mas penso menos na experiência *confessional*, à qual tivemos de agarrar-nos até agora, do que numa experiência nua, livre de ligações, mesmo de origem, a qualquer confissão. É por isso que não gosto da palavra *mística*.

Também não gosto de definições estreitas. A experiência interior responde à necessidade a que cheguei — e a que chegou, comigo, a existência humana — de pôr tudo em causa (em questão) sem repouso admissível. Esta necessidade mantém-se apesar das crenças religiosas, mas as suas consequências são tanto mais inteiras quanto menos tivermos tais crenças. Os pressupostos dogmáticos deram limites indevidos à experiência: aquele que já sabe não pode ir além de um horizonte conhecido.

Quis que a experiência conduzisse aonde ela levava, não conduzi-la a um qualquer fim preestabelecido. E digo desde já que ela não leva a nenhum porto (mas a um lugar de descaminho, de não-sentido). Quis que o não-saber fosse o seu princípio — nisso segui, com um rigor mais severo, um método onde os cristãos se destacaram (eles empenharam-se até tão longe nessa via quanto o dogma o permitiu). Mas

esta experiência nascida do não-saber permanece decididamente nele. Não é inefável, não a traímos ao falarmos dela, mas, nas questões do saber, ela chega a roubar ao espírito as respostas que este ainda possuía. A experiência não revela nada e não pode fundar a crença, nem partir dela.

A experiência é pôr em questão (à prova), na febre e na angústia, aquilo que um homem sabe do facto de ser. E se, nessa febre, ele sentir qualquer apreensão, não pode dizer: «vi isto, o que eu vi é isto»; não pode dizer: «vi Deus, o absoluto ou o fundo dos mundos», só pode dizer «o que vi escapa ao entendimento», e Deus, o absoluto, o fundo dos mundos, não são nada se não forem categorias do entendimento.

Se eu dissesse decididamente: «vi Deus», o que vejo mudaria. Em vez do desconhecido inconcebível — diante de mim selvaticamente livre, deixando-me selvagem e livre diante dele —, haveria um objecto morto e o assunto do teólogo — ao qual o desconhecido seria subjugado porque, no que diz respeito a Deus, o desconhecido obscuro que o êxtase revela *está subjugado a subjugar-me* (que um teólogo faça explodir, no fim de contas, o quadro estabelecido significa simplesmente que o quadro é inútil; não passa, para a experiência, de um pressuposto a rejeitar).

Em todo o caso, Deus está ligado à salvação da alma — ao mesmo tempo que às outras *relações do imperfeito ao perfeito*. Ora, na experiência, o sentimento que tenho do desconhecido de que falei é desconfiadamente hostil à ideia de perfeição (a própria servidão, o «deve ser»).

Leio em Dionísio, o Areopagita (*Nomes Divinos*, I, 5): «Aqueles que pelo cessar íntimo de todas as operações intelectuais entram em íntima união com a inefável luz... Só falam de Deus através da negação.» Isto verifica-se desde o momento em que a experiência revela, e não o pressuposto (a tal ponto que aos olhos do mesmo a luz é «raio de treva»; chegaria mesmo a dizer, segundo Eckhart: «Deus é nada»). Mas a teologia positiva — que se baseia na revelação das Escrituras — não está de acordo com esta experiência negativa. Algumas páginas após ter evocado

esse Deus que o discurso não apreende senão negando, Dionísio escreve (*Ibid.*, I, 7): «Ele tem sobre a criatura um domínio absoluto..., todas as coisas se lhe reúnem como ao seu centro, reconhecendo-o como sua causa, seu princípio e seu fim...»

A propósito das «visões», das «palavras» e das outras «consolações» comuns no êxtase, São João da Cruz testemunha, se não austeridade, pelo menos reserva. Para ele, a experiência só tem sentido na apreensão de um Deus sem forma e sem modo. A própria Santa Teresa não dava, por fim, valor senão à «visão intelectual». Do mesmo modo, tomo a apreensão de Deus, ainda que sem forma nem modo (a sua «visão intelectual» e não sensível), por uma paragem no movimento que nos leva à apreensão mais obscura do *desconhecido*: de uma presença que já em nada se distingue de uma ausência.

Deus difere do desconhecido na medida em que uma emoção profunda, vinda das profundezas da infância, se liga primordialmente em nós à sua evocação. O desconhecido, pelo contrário, deixa frio; só se deixa amar depois de ter derrubado tudo em nós, como um vento violento. Do mesmo modo, as imagens perturbadoras e os meios-termos a que recorre a emoção poética tocam-nos sem dificuldade. Se a poesia introduz o estranho, fá-lo pela via do familiar. O poético é o familiar que se dissolve no estranho e a nós próprios com ele. De nada nos priva nunca absolutamente, porque as palavras, as imagens dissolvidas, estão carregadas de emoções já experimentadas, fixadas a objectos que as ligam ao conhecido.

A apreensão divina ou poética está no mesmo plano que as vãs aparições dos santos, visto que ainda podemos, através dela, apropriar-nos daquilo que nos transcende e, sem disso nos apossarmos como de um bem próprio, pelo menos ligá-lo a nós, ao que já nos tinha tocado. Desta maneira, não morremos inteiramente: um fio ténue, sem dúvida, mas ainda assim um fio, liga o apreendido ao eu (ainda

que eu tenha quebrado a noção ingênua acerca dele, Deus permanece o ser cujo papel a Igreja definiu).

Só somos totalmente postos a nu se avançarmos, sem fazer batota, em direção ao desconhecido. É a parte de desconhecido que dá à experiência de Deus — ou do poético — a sua grande autoridade. Mas o desconhecido exige, no final, um império sem partilha.

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
----------------	---

PRIMEIRA PARTE ESBOÇO DE UMA INTRODUÇÃO À EXPERIÊNCIA INTERIOR

I — Crítica da servidão dogmática (e do misticismo) . . .	15
II — A experiência: única autoridade, único valor	19
III — Princípios de um método e de uma comunidade .	25

SEGUNDA PARTE O SUPLÍCIO

I	51
II	57
III	63
IV	69
V	83

TERCEIRA PARTE ANTECEDENTES DO SUPLÍCIO (OU A COMÉDIA)

Quero levar a minha pessoa ao pináculo	97
--	----

A morte é num certo sentido uma impostura	101
O azul do céu	113
O labirinto (ou a composição dos seres)	119
A «comunicação»	135

QUARTA PARTE
 POST SCRIPTUM AO SUPLÍCIO
 (OU A NOVA TEOLOGIA MÍSTICA)

I — Deus	147
II — Descartes	151
III — Hegel	155
IV — O Êxtase	161
V — A Fortuna	183
VI — Nietzsche	187

QUINTA PARTE
MANIBUS DATE LILIA PLENIS

<i>Gloria in excelsis mihi</i>	225
Deus	229